

Índios venezuelanos ameaçam 'abortar' projeto Linhão de Guri

Se depender dos índios pemons, kariñas, akawaios e arawakos, o projeto de interconexão energética entre Brasil e Venezuela vai ficar no papel. Os indígenas da região da Gran Sabana não aceitam a passagem das linhas de transmissão de energia da Hidrelétrica de Macáguas por suas terras porque dizem não ter sido consultados sobre o assunto.

O argumento de que o projeto binacional foi imposto às comunidades indígenas já havia ficado implícito na entrevista coletiva dada pelo presidente venezuelano Hugo Chávez, durante sua visita-relâmpago a Roraima no dia 30 de junho deste ano. Na ocasião, Chávez havia dito que o linhão traria consequências ambientais que precisariam ser melhor planejadas, mas garantiu que cumpriria o acordo firmado entre seu antecessor, Rafael Caldera e o presidente Fernando Henrique Cardoso. Meses antes, os índios da região haviam feito bloqueios nas estradas, impedindo a passagem de veículos que transportavam equipamentos para começar a obra.

As linhas começaram a ser construídas no Brasil e na Venezuela, mas no Brasil houve negociação e acordos financeiros com os índios. Na Venezuela, a ação foi arbitrária, provocando protestos dos índios e de organizações não-governamentais como a Amazon Watch e a Amazon Coalition. Houve bloqueio nas estradas e violência policial, mas os indígenas conseguiram paralisar a obra.

No final da semana passada, diante de uma platéia composta por indígenas de três países, o líder pemon Juvencio Gómez declarou que nenhum fio de alta tensão irá cruzar suas terras sem que os índios participem diretamente da discussão. "Antes de começar um projeto desses é preciso definir a situação das terras indígenas. Depois, devem nos informar sobre o impacto ecológico e cultural que isso pode representar para os nossos povos. Em seguida, devem negociar conosco, porque somos diretamente afetados por isso. Queremos saber até que ponto isso será interessante para os índios. Antes disso, não aceitamos nenhuma espécie de acordo", denunciou Juvencio Gómez, durante a realização do II Seminário Internacional de Povos Indígenas do Brasil, Venezuela e Guiana, realizado em Bolívar e Caracas entre os dias 20 e 24 deste mês.

Pelo lado brasileiro, as negociações em torno do "linhão" energético estão mais avançadas e terminaram servindo para definir melhor a situação legal da terra indígena de São Marcos. Para permitir que as linhas de alta tensão atravessassem suas terras, os índios macuxis e taurepang negociaram os recursos federais de que dispunham para projetos de educação e saúde e indenizaram os fazendeiros instalados na região. Com isso, cerca de 70 por cento das fazendas e sítios passaram para as mãos dos índios. Agora eles aguardam o reembolso do dinheiro investido no (excelente) negócio.

Mas isso não quer dizer que o acordo já está fechado e que o governador Neudo Campos cumprirá integralmente a promessa de campanha que o levou ao segundo mandato. O representante do Conselho Indígena de Roraima no seminário, José Adalberto da Silva, afirmou que recentemente em Tocantins, o governo ergueu torres de transmissão em terras indígenas e não cumpriu o acordo financeiro. "Então os índios derrubaram tudo", falou.

Política

INSTITUTO	
	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	<i>Folha de Boa Vista</i>
Data	<i>27/7/99</i> Pg. <i>502</i>
Class.	

FOLHA DE BOA VISTA, 27/07/99